

ENTREVISTA

Profa. Dra. Joyce Elaine de Almeida Baronas

Universidade Estadual de Londrina

Nesta edição, que recebeu muitos trabalhos abordando questões linguísticas relacionadas ao ensino, convidamos a professora Joyce Elaine de Almeida Baronas para discutir sobre a importância da Sociolinguística para o Ensino de Língua Portuguesa. Graduada em Letras Anglo Portuguesas e Literaturas pela Universidade Estadual de Londrina (1989), com mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (1996), doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005) e pós-doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (2014), atualmente, é professora associada da Universidade Estadual de Londrina onde atua na Graduação, na Pós-Graduação Lato Sensu e na Pós-Graduação *Stricto Sensu*. Dessa maneira, tem desenvolvido estudos na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística Educacional, dentre os quais, destaca-se o grupo de estudos: “Variação linguística na escola: normas” (VALEN).

Illuminart Quais são os principais obstáculos no ensino de Língua Portuguesa na educação básica?

Baronas Acredito que os obstáculos estejam relacionados a duas questões. A primeira é o próprio magistério, devido à falta de preparo e incentivo ao professor de Língua Portuguesa, uma vez que ele deveria ter muito mais tempo para estudar, deveria haver incentivo para sua capacitação, ou seja, cursos de mestrado e doutorado deveriam ser atividades comuns e possíveis a todos, o que muito contribuiria para sua formação. Já a segunda concerne à visão da sociedade em relação ao ensino da língua, pois a

abordagem tradicional da língua é a que é valorizada socialmente, ou seja, a sociedade, em sua grande maioria, desconhece os estudos e avanços científicos, conquistados no ambiente acadêmico, que dizem respeito ao ensino da Língua Portuguesa.

Illuminart Quais são as principais propostas e pressupostos da Sociolinguística Educacional?

Baronas Antes de abordar especificamente tais quesitos relacionados à Sociolinguística Educacional, apresento alguns pressupostos que norteiam a Sociolinguística, como por exemplo, a visão de Bortoni-Ricardo em seu livro *Nós chegemos na escola, e agora?*. Segunda a autora, a Sociolinguística, por volta do século XX, atingia sua maturidade e apoiava-se em três premissas: “o relativismo cultural; a heterogeneidade linguística inerente e a relação dialética entre forma e função”. As bases do relativismo cultural não aceitam a ideia de superioridade entre as línguas, nem a existência de línguas primitivas ou subdesenvolvidas, defendendo a igualdade equivalência funcional entre as línguas. A segunda premissa, a da heterogeneidade inerente, apresenta um rompimento com a tradição saussureana de caracterizar as línguas como homogêneas. Assim, a variação passa a ser concebida como uma qualidade inerente a qualquer língua. A autora aponta a afirmação de Labov de que “a heterogeneidade não só era normal, mas o resultado natural de fatores linguísticos e sociais básicos que condicionam a variação de forma sistemática.” A terceira premissa, segundo Bortoni-Ricardo, “promovia a mudança de foco”, pois se centrava na função e no uso

da língua e não na estrutura. Essa premissa “ênfatiza o contexto de uso da língua”. Cabe ressaltar que, a partir desta premissa, são considerados, no estudo da língua, não só os aspectos linguísticos que abarcam a variação, mas também aspectos culturais.

Assim, o estudo língua não pode vir dissociado da cultura do grupo que a utiliza, o que muito pode contribuir para o ensino da língua na escola, uma vez que o professor, ao se propor a ensinar a língua portuguesa nas escolas brasileiras, de acordo com esta premissa, deve repensar toda sua postura em relação à língua, considerando a forma linguística e os aspectos culturais dos alunos com que irá lidar.

Tais premissas constituem uma proposta de alteração no ensino da língua nas escolas do Brasil. Segundo Bortoni-Ricardo, é necessário o desenvolvimento de uma “pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos”. Para a autora, tal tarefa exige “uma mudança de postura da escola – de professores e alunos- e da sociedade em geral”. Além disso, a autora coloca que tal mudança deve partir de uma etapa preliminar, na qual devem-se descrever as regras variáveis da fala do grupo de alunos com que se trabalha. Possenti corrobora com esta ideia ao propor um “programa mínimo”, relacionado ao ensino de Língua Portuguesa; segundo o autor, “a escola precisa conhecer sua clientela. No caso, as características efetivas da língua ou do dialeto de sua clientela”.

Iluminart Na Universidade Estadual de Londrina, UEL, a senhora tem desenvolvido estudos e coordenado projetos relacionados à variação linguística. Quais são as principais contribuições desses estudos para o ensino de Língua Portuguesa?

Baronas O projeto que coordeno é intitulado *VALEN - Variação linguística na escola: normas*, do qual participam

professores da rede estadual, docentes e discentes do curso de Letras da Universidade Estadual de Londrina, UEL, e da Universidade Estadual de Maringá, UEM, a fim de estudar diferentes normas linguísticas no Brasil, mais especificamente, busca verificar o distanciamento entre a norma-padrão e a norma culta do país a fim de auxiliar o professor de Língua Portuguesa na tarefa de abordar a língua em sua diversidade. Em relação às contribuições do projeto, buscamos trazer benefícios aos professores de Língua Portuguesa na tarefa de abordar a língua na escola, uma vez que pretendemos apresentar possibilidades de estudar a língua sob a pedagogia da variação. É nossa intenção elaborar unidades didáticas com propostas do ensino gramatical a partir das diferentes normas. Ou seja, objetivamos apresentar o estudo de itens gramaticais com exemplos da norma culta em que fenômenos gramaticais se apresentam de forma semelhante ou diferenciada do que é prescrito pela gramática tradicional. Além disso, pretendemos realizar pesquisas sobre o ensino da língua sob a perspectiva da variação, envolvendo alunos de iniciação científica, de mestrado e de doutorado, que, além do trabalho de conclusão (artigos, dissertações e teses), elaboram artigos científicos para divulgação dos trabalhos elaborados para a comunidade acadêmica.

Iluminart O que a senhora acha da falsa acusação de leigos que acreditam que teorias Linguísticas como a Sociolinguística, por exemplo, sejam as responsáveis pelo que chamam de "deterioração linguística", pois, segundo eles, "permitem" que o aluno "fale e escreva de qualquer jeito"?

Baronas Em relação a esta, retomo o que apontei na primeira questão, ou seja, a sociedade desconhece os estudos e avanços científicos, conquistados no ambiente acadêmico, que dizem respeito ao ensino da Língua Portuguesa e esse

desconhecimento resulta na rejeição aos estudos sociolinguísticos. Muitas vezes, há a ideia equivocada de que o professor que trabalha na perspectiva sociolinguística não se preocupa com correções. Entretanto, é muito equivocada essa visão, a única diferença que existe entre um profissional que aborda a língua em sua diversidade é o fato de abordar, efetivamente, fatos linguísticos em uso, sem se privar da tarefa de ensinar as normas de prestígio, que constitui a função do professor de Língua Portuguesa.

Iluminart Alguns professores acreditam, equivocadamente, que não devem mais corrigir os textos dos alunos ou ensinar gramática. Como a senhora vê essa questão?

Baronas Novamente retomo à questão 1, em que afirmo o desconhecimento da proposta sociolinguística, pois nessa perspectiva, não se afirma que não se deve corrigir os textos dos alunos. Além disso, a gramática tradicional não é combatida, muito pelo contrário, deve-se sim ensinar a gramática, mas não só, ou seja, a proposta é mais ampla, pois o professor deve ser capacitado a apresentar as regras gramaticais e levar os alunos a refletirem sobre elas, verificando sua aplicação em

textos escritos e orais. É uma tarefa muito importante, pois assim, o aluno consegue compreender melhor as regras prescritas pela gramática normativa, verificando que algumas regras são muito artificiais para a norma culta falada no Brasil e assim não terá a ideia de que não sabe falar o Português, só terá a consciência do distanciamento entre algumas regras e a língua em uso; um exemplo disso seria a regra de colocação pronominal, a mesóclise, que é prescrita pela gramática normativa e que o aluno deve aprender, mas também deve ter a consciência de que é um uso bastante raro, pouco utilizado, muito menos na oralidade, inclusive em situações formais de fala. É importante deixar claro que na perspectiva sociolinguística, a abordagem gramatical deve se aplicar sim e os textos devem ser corrigidos também, pois é esta a tarefa do professor de Língua Portuguesa. A forma de trabalhar é que se difere, pois, ao abordar a gramática, trará o uso para reflexão e, ao corrigir o aluno, terá o cuidado de não o fazer de forma a constrangê-lo, a fim de incluir todo o falante da língua, pois, todos sabemos falar o Português. A tarefa da escola é apresentar as normas de prestígio, sem, contudo, discriminar ninguém devido ao uso diferenciado da língua.